

COMENTÁRIO BÍBLICO

2º Domingo do Advento – Ano C

05dez2021

Malaquias 3,1-4; Salmo 126; Filipenses 1,3-11

S. Lucas 3,1-6

¹Estava-se no ano quinze do governo do imperador Tibério.

Pôncio Pilatos era então governador da Judeia, Herodes governava a Galileia, seu irmão Filipe governava a Itureia e a Traconítide. Lisânias governava a Abilena. ²Anás e Caifás eram os chefes dos sacerdotes.

Foi nessa altura que Deus falou no deserto a João, filho de Zacarias. ³João foi por todas as terras junto do rio Jordão e anunciava o batismo de arrependimento para perdão dos pecados. ⁴Isto aconteceu como o profeta Isaías tinha escrito no seu livro:

Uma voz clama no deserto: Preparem o caminho do Senhor e abram-lhe estradas direitas. ⁵Todo o vale será aterrado, todo o monte e toda a colina serão aplanados. Os caminhos tortos serão endireitados e os pedregosos serão arranjados. ⁶E toda a Humanidade verá a salvação de Deus.

1. No Evangelho de hoje temos bem definida a ambiência do acontecimento, tanto o tempo cronológico – “ano quinze do governo do imperador Tibério” – como o enquadramento geográfico, político e religioso com seus mandantes, como, ainda, o objetivo da missão de João Batista, ou seja, a salvação (libertação) de Deus para toda a Humanidade. Entre os exegetas, há quem diga que tais dados de tempo e pessoas não são históricos (José M^a Castillo “*La Religión de Jesús*”), mas, com tal referência no seu evangelho, S. Lucas afirma com clareza que ‘a Palavra de Deus’, em Jesus, entra na história humana. Isto é, tem a ver com todas as circunstâncias da pessoa humana, quem quer que seja, o que quer que faça, donde provenha, em particular, aquela que estiver em sofrimento e opressão. Assim, S. Lucas estabelece um sincronismo entre a história profana e a história da salvação, tal como já o havia feito anteriormente, no episódio do anúncio do nascimento de João Batista (S. Lucas 1, 5) e ao narrar o nascimento de Jesus (S. Lucas 2, 1-3).

Repare-se como Deus se ‘introduz’ na história humana. João Batista nasceu, por anúncio divino, de um pai (Zacarias) sacerdote e de uma mãe (Isabel) de linhagem sacerdotal (S. Lucas 1, 5-25) ambos de idade avançada. Por decorrência natural da sua filiação, naquele tempo, filho de sacerdote deveria vir a ser um sacerdote. Foi profeta, “e muito mais do que profeta. É dele que está escrito: ‘eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente, ele preparará o teu caminho diante de ti’”, assim o caracterizou Jesus. Na verdade, João foi mais do que profeta, porque, por desígnio divino, realizou a transição (‘o centro do tempo’, como alguém lhe chamou) da “Lei e os Profetas” para “o Reino de Deus” (S. Lucas 16, 16).

2. Mas, de João Batista, Jesus disse mais: *“dentre os nascidos de mulher não há um maior do que João”,* e continuou: *“Todo o povo que o ouviu e até os próprios publicanos reconheceram a justiça de Deus (...) mas os fariseus e os intérpretes da Lei rejeitaram o desígnio de Deus”* (S. Lucas 7, 28-30). Ou seja, os que mais ‘perto’ estavam do ‘conhecimento’ da vontade de Deus foram os que a rejeitaram, não aceitando o batismo do arrependimento pregado por João. Ora, esta é uma questão da mais relevante importância que deve levar as Igrejas cristãs a questionar-se sobre se querem verdadeiramente assumir uma missão de testemunho no seguimento de Jesus Cristo, para que *“toda a carne veja a salvação de Deus”,* ou, se, de outro modo, se preocupam somente em captar pessoas para a sua atividade ritual e litúrgica (como era o caso dos escribas e fariseus). Queremos ou não *“preparar o caminho do Senhor e abrir-lhe estradas direitas”*? Ser arautos de uma novidade de vida que espelhe a nossa opção por Jesus nas mais diversas áreas da nossa existência?

Quem está atento a estas coisas percebe que se tem resvalado para um excessivo ritualismo de quase ‘via única’ para a salvação, desprovido de ligação adequada com a história de vida de cada um(a), como se não houvesse relação entre a vida quotidiana e a religião. Que nos adiantará uma fé centrada exclusivamente em devoções piedosas e rituais religiosos, se não nos levar a questionar as nossas condutas, os nossos modos de estar, a fim de que possamos contribuir para mudar este nosso mundo carregado de injustiças e sofrimentos? Lembremos as palavras de Jesus: *“Pelos seus frutos os conhecereis”* (S. Mateus 7, 16) e *“Se não faço as obras de meu Pai, não acrediteis em mim; mas, se as faço, mesmo que não acrediteis em mim, crede nas obras (...)”* (S. João 10, 17-18). Ou seja, *frutos e obras*, referências a condutas e atos de espiritualidade latente a favor do bem de outros (S. Mateus 25, 31-46) onde a bondade, a justiça e a misericórdia manifestem a quem nos olha a salvação de Deus.

3. Hoje, na Igreja Lusitana, celebra-se o Domingo da Bíblia, no contexto da Oração Própria:

Bendito Senhor, Tu deste-nos as Escrituras para nos indicarem o caminho da salvação; ensina-nos a ouvir, ler, estudar e assimilar interiormente a tua santa Palavra com amor, paciência e oração, de tal modo que, fortalecidos pela sua inspiração, mantenhamos firme a esperança da vida eterna. Mediante Jesus Cristo, nosso Senhor. Amen.

Assim, a decisão sinodal que o determinou reafirmou a ligação indómita da Igreja ao texto bíblico considerando-o a referência maior para a fé dos crentes em Jesus Cristo. Ao lê-la e meditá-la, em espírito de oração (não num seguidismo literalista doentio), descobre-se a necessidade da adesão pessoal à Sua divindade (*“Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna”* – S. João 6, 68), e a importância da Sua humanidade como modelo de conduta ética (*“Todo aquele que ouve as minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha”* – S. Mateus 7, 24).

No Guião para a leitura diária da Bíblia da Igreja Lusitana, ano litúrgico C (2021-2022), lê-se: *“O Deus da Bíblia é um Deus falante que se revela no concreto do nosso caminhar diário. Ler a Bíblia numa atitude de fé será pois abrimo-nos à interpelação e à proposta de Vida que Deus tem para a Humanidade e para cada um de nós em particular. Será do acolhimento da revelação de Deus que a Sagrada Escritura nos oferece, que a nossa vida é transformada e o nosso caminhar de fé nos aproximará mais dos outros nas suas diferentes necessidades e esperanças”.*

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana